

ADVERTENCIA.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ás 10 horas da manhã. Aos Srs., que, o mais tardar, quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82, para se providenciar.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS E CARROS.

2236 É já verdade trivial, que em nenhuma parte civilisada da Europa se encontram peiores estradas, que n'este Portugal: — taes como as estradas são os carros, que se arrastam por ellas. Arremédam os da Turquia e os da Calabria mais inculta: parecem herdados da república romana. Se o conhecimento do mal é a primeira condicção para o remedio, algumas esperanças podemos logo ter, porque o governo, e em geral todas as pessoas illustradas, vem concordes n'esta confissão vergonhosa, mas inevitavel: e já a estas horas se haveria curado, ao menos em grande parte, esta verdadeira molestia do territorio, que tanto concorre para a sua debilidade, se não estivesse por averiguar uma questão prévia, em que andam repartidas as opiniões; a saber, — se primeiro se hão de melhorar os carros para as estradas, se as estradas para os carros.

Como esta questão não é a do ovo e da gallinha, podemos facilmente resolvel-a.

Os carreiros teem os seus carros pelas máchinas mais perfeitas, e tanto mais apreciaveis, quanto mais chamam sob a carga. Os fanaticos do ramerrão, que nunca em espirito saíram d'entre as suas quatro paredes, dizem, — deixae estar os carros, como estão; enquanto não tiverdes outras estradas não mechaes n'elles: — mas a gente de mais civilisado entendimento conhece, que para se fazerem e conservarem estradas boas, é necessario começar por não metter a ellas carros d'estes.

Pede-se aos primeiros a razão do seu dicto: cifram-n'a toda n'um redondo — « não póde ser. » Carros d'outra qualidade, dizem elles, não podem resistir a caminhos tão máus; nem os bois tinham forças para os puchar por uns pisos tão descompostos e bravios. — Mas inquiridos os segundos respondem-lhes muito bem:

1.º Que é um errado presupposto o cuidar-se, que não se haveriam melhor com os caminhos ruins os carros bons do que os máus, visto que nos reinos estrangeiros, especialmente nos paizes montanhosos, os carros, que são bem feitos, não transitam só pelas estradas largas e esmeradas, mas tambem pelas veredas desviadas e menos batidas, muitas das quaes podem apostar, na imperfeição, com os mais desgraçados caminhos de Portugal.

2.º Que sem primeiro se emendar a construcção dos carros, a experiencia mostra, se a boa razão o não fivesse já mostrado, que as estradas se não podem fazer boas, porque o que hoje se tivesse anediado para trânsito, amanhã em por lá tendo passado uma d'estas bisarmas rusticas, appareceria roto, dilacerado, perdido. Estas rodas, fixas no eixo, de

mais a mais delgadas, ferradas e com uma tal pregaria como focinhos de javali para revolver a terra, cortam-n'a como as carretilhas dos pasteleiros ou cozinheiros retalham a massa para as empadas ou filhózes. Ponham um carrinho d'estes carregado a virar de repente, — ¿ que succede? — o que todos os dias vemos: a róda, que descreve o circulo externo, lava o sólo como um arado: a que fica para dentro, girando como pião, encrava-se no chão, como sacatrapo, capaz de arrancar as pedras mais firmes de uma calçada.

3.º Que uma estrada nova frequentada por taes carros nunca chegará, por assim dizer, a coalhar ou solidificar-se por lhe andarem a desinquietar de continuo o seu cascalho, d'onde resulta que se ha-de andar sempre com a mão na obra sem acabar nunca de concertar, vindo portanto a sair exorbitante o dispendio, tanto do primeiro fazimento como das subsequentes, e interminaveis reparações, do que bom testemunho poderão dar os engenheiros constructores da estrada de Cintra.

Concluiremos logo afoitamente, que antes e primeiro de tudo, nós nos devemos arremessar aos carros e obrigar-os por todos os modos, pela persuasão e pela força, a transformar-se e civilisar-se para interesse commum dos viandantes e transportes; e até para beneficio dos bois, de seus conductores e de seus donos. Esta emenda dos carros deveria consistir em varios pontos para ser cabal, mas por agora, bastaria que se limitassem a pôr-lhe as rodas de grossura que não cedesse de tres polegadas e meia, nem sobejasse de cinco. Parece força de desgraça, que se deixasse o governo allucinar sobre coisa tão evidente, e se encostasse para a opinião dos carreiros no contracto celebrado com *De Claranges Luccole*, onde, no artigo 23, se diz: — « estabelecidas as estradas o governo obriga-se a dar as providencias policiaes necessarias, para que as rodas dos carros não damnifiquem as estradas. »

Depois das estradas estabelecidas pouco farão taes providencias. Se as estradas se querem de véras deem-se as providencias já, já, já. — Prohiba-se pois aos carpinteiros o fazerem rodas de grossura indevida e aos ferreiros chapas para ellas de mais ou menos largura do que a dada; e isto com boas multas municipaes para os contraventores, havendo similhantemente castigo na bolsa a todos os donos de carros que se encontrarem caminhando diversos que o padrão estabelecido. — E não se imagine, que seja isto um grande vexame para as pessoas, que já teem carros, porque é muito facil e barato emendar as rodas antigas.

Olhe-se portanto para isto com seriedade e haja uma vez um arrojo de deliberação se devéras se querem as estradas, e todos os bens, que sem ellas se não alcançam. — Marque-se por editaes um prazo fixo e peremptório dentro no qual deverão estar emendados todos os carros, desde a órla maritima de Algarve até ao ultimo confim de Traz-os-Montes e expirado elle, as camaras municipaes e administradores de concelhos, que sejam inexhoraveis em punir os antiquarios contumazes, que ousarem sair com as suas rodas de navalhas a martyrisar os caminhos, que são de todos e não d'elles. Passando porém pelas estradas novas, onde já haja barreiras, paguem tres vezes o direito d'ellas e deixem-n'os ir á sua von-

tade. Não tenham medo que vão e voltem muitas vezes.

Se isto quadra e se quer, o governo que se não limite em só dar as primeiras ordens. Seja depois rigoroso para com as camaras municipaes, exigindo-lhes o cumprimento da obrigação que lhes impoz. Sem rigor que desça do governo aos fiscaes e dos fiscaes aos particulares; nada se venceria d'elles nem ainda promettendo-lhes premios. E exemplo tenho eu já, e não pequeno, com que o prouve.

Mandou Elrei prometter a todos os carreiros um premio de duas moedas e além d'isso 200 réis por cada caminho de transporte de materiaes para as obras do Palacio da Pena, apresentando-se com rodas largas de 3½ até 4 polegadas. Já lá vão tres annos; centenaes de carreiros tem conduzido materiaes para a Pena; todos os annos se tem publicado e repetido esta promessa, e nenhum até agora veio ainda com as rodas emendadas!

Barão d'Echwege.

ASSOCIAÇÕES AGRICOLAS.

(Continuado de pag. 100.)

PROJECTO DE ASSOCIAÇÃO GERAL AGRICOLA DO REINO.

Artigo 1.º

Dos fins da associação.

2237 §. 1.º Procure o melhor valor e saída a todos os generos agricolas da produção da terra.

§. 2.º Requerer a promulgação e cumprimento de todas as leis, que fizerem a bem da agricultura; bem como a revogação, ou derrogação d'aquellas, que possam directa, ou indirectamente empecer-lhe.

§. 3.º Promover em geral o augmento da agricultura; ou seja dando maior desinvolvimento ao systema de lavoura usado entre nós até hoje, ou seja introduzindo novos processos, instrumentos, e generos de cultura nova, que sendo apropriados á natureza do nosso clima, e torrão produzam e deixem lucro.

Artigo 2.º

Dos associados.

§. 1.º Socios natos d'esta associação consideram-se todos os proprietarios de predios rusticos situados no reino, qualquer que seja a valia de seus predios.

§. 2.º Os socios gozarão de todas as vantagens, que lhes fôrem concedidas nos estatutos geraes.

Artigo 3.º

Da assembléa geral.

§. unico. A assembléa geral, que deverá ter o seu assento e local de residencia em Lisboa, será composta sómente dos socios, que tiverem de renda annual em predios rusticos a quantia, que por accôrdo geral fôr designada.

Artigo 4.º

Da direcção geral, direcções especiaes, e commissões administrativas.

§. 1.º Haverá em Lisboa uma direcção, que será chamada— direcção geral da associação agricola.

§. 2.º Em todas as cidades do reino haverá sua direcção especial dependente da geral.

§. 3.º Tanto ás sessões e conferencias d'estas, como ás da assembléa geral será sempre convidada para se achar presente, querendo, a auctoridade administrativa local.

§. 4.º Nas villas e logares, onde se julgar conveniente haverá outras tantas commissões dependentes da direcção da cidade a cujo districto pertencam.

§. 5.º A estas direcções e commissões incumbirá fazer a despeza do seu expediente, para a qual nenhum dos outros socios será obrigado a concorrer.

Artigo 5.º

Dos corpos ou partes que formam, e dividem a associação.

§. 1.º A associação será dividida em tantas grandes commissões, quantos são os ramos principaes agricolas do reino —

como por exemplo, A COMMISSÃO DOS CEREAES — DAS VINHAS — DOS OLIVAES — DAS MATAS — DOS MONTADOS — ETC.

§. 2.º Cada corpo, ou grande commissão d'estas trabalhará especialmente no ramo que lhe dissér respeito.

§. 3.º São membros natos d'estas commissões os socios interessados no ramo de cultura, que respeita a cada uma.

§. 4.º Estas commissões se auxiliarão reciprocamente por todos os meios ao seu alcance, formando sempre um só corpo, e tendo continuamente em vista não só o augmento e protecção, a qualquer d'aquelles ramos especiaes, como tambem o de toda a agricultura em geral.

Artigo 6.º

Se para os fins apontados fôr julgado conveniente ou necessario, a associação convidará o corpo de commercio a unir-se-lhe.

Artigo 7.º

Do jornal da associação.

§. 1.º A associação terá um jornal proprio e destinado a tractar dos objectos inherentes aos fins, que tem em vista, ao qual se dará toda a publicidade possivel.

§. 2.º Os socios, que tiverem assento na assembléa geral, terão obrigação de assignarem para o sobredito jornal.

Ayres de Sá Nogueira.

(Continuar-se-á).

BICHOS DE SEDA.

PHENÓMENO CURIOSO.

(Carta.)

2238 É pratica seguida n'estes sitios pelas pessoas, que tractam da criação de bichos da seda; guardarem d'entre os casulos, aquelles que acham de uma contextura mais sólida, e de uma fórma mais elegante; fazem d'elles longos ramaes, enfiando-os em um cordão, com grande cuidado de não offender a larva. — Estes ramaes ficam pendentes até se effectuar a metamorphóse, e logo que a borboleta se desinvolve, sae do respectivo casulo e sobre elle pousa. — Á medida que vão emergindo, lança-se mão d'ellas, e collocando-as sobre pannos de linho bem lavados, ahí ficam pousadas; porque são pouco buliçosas. — Logo tractam de se fecundar. — Passados poucos dias começa o desinvolvimento. — Os ovos ou sementes adherem fortemente ao panno, d'onde é necessario tiral-os com cuidado. Costuma fazer-se esta operação no anno futuro depois de ter molhado levemente o panno com agua tépida, e raspando-o com uma faca pouco afiada para os não offender.

A natureza tem sempre seguido com regularidade esta direcção. — Mas que acontece este anno?

Quando pelos principios de agosto, se tractava de guardar os ovos apinhados sobre os pannos, que espanto não causou o vêr, que alguns ovos se desinvolviam, deitando fóra o bicho sem o auxilio do calor graduado de uma estufa, ou (como por aqui se usa), sem o calor virginal do seio de uma donzella!

Em minha caza houve quem cuidasse da criação de alguns d'estes bichos extemporaneos, apesar da escacez da folha de amoreira, e essa pouco taluda, pois o phenomeno acontecia pelos fins de agosto, quando a folha já está incapaz; o resultado foi seguirem os periodos regulares da sua existencia, sem o mais leve contratempo, e chegarem todos a fazer casulo, e este de uma perfeição rara.

Vimieiro 29 de setembro de 1843.

A. Cabral.

LEMBRANÇA AOS JARDINEIROS.

(Communicado.)

2239 Alguns dias, depois de ter caído com um

temporal, uma das arvores do formoso passeio de S. Pedro de Alcantara, passei pelo sitio, d'onde já tinham sido removidos, não sei para onde, os seus despojos mortaes. Existia um vácuo entre duas arvores; era o espaço que occupára, sua desditosa, e finada congénere. Ficára porém um fragmento, para dolorosa recordação. Era uma pequena quantidade do tronco, ou a parte mais inferior da sua base; truncada, e formando um angulo obliquo: similhava-se a um dos obuses, que adornam as partes lateraes do magestoso portico da Fundação. Principiei a examinal-o, vi que o tronco d'aquellas arvores, não é compacto, e duro, como os das outras. Sua parte cortical, é delgada; segue-se a ella um aggregado de filamentos lenhosos, accamados uns sobre os outros, perpendicularmente, e cujos intersticios, e intervalos, são impregnados por um parenchima carnoso, mui sacharino, e amilácio. Se me tivesse occorrido mais cedo, teria diligenciado alcançar uma porção conveniente, a fim de que fazendo, como pudesse, a competente análise, demonstrasse os contentos d'aquella substancia, que rasoavelmente se póde suppor que seriam, muito assucar, fécula, ácidos acético, málico, potassa etc.

Talvez fosse conveniente, regar menos aquellas arvores, para que a demasiada humidade, que absorvem, não embrandecesse sobre-mancira os seus tecidos: e até tẽr de antemão preparado alguns espeques apropriados, para nos grandes vendavaes se lhes encostarem, a fim de não termos de sentir novas magoas, com a falta das duas a quem por emquanto, as rajadas teem poupado.

Lisboa 22 de setembro de 1843.

Henrique José de Souza Telles.

ELEPHANCIA.

(Carta.)

2240 Vendo na *Revista Universal Lisbonense*, o utilissimo artigo 2120 indicando o curativo da horriavel molestia da elephancia, em que muito abunda este Algarve; digo que:—

Tem toda a razão o Sr. José da Silva em não querer publicar o seu segredo, visto que d'elle tira a subsistencia da sua familia; mas nada ha mais facil do que remediar este inconveniente, pelo modo que V. indica nas suas observações ao mesmo artigo: que eu intendo se poderia executar assim:—

Saiba-se o numero de cazas de misericordia do reino — ilhas adjacentes — e possessões ultramarinas, e seus respectivos rendimentos: proponha o governo ás côrtes, uma lei, para que as dictas cazas de misericordia paguem um tanto cada uma, segundo os seus haveres, por um certo numero de annos, para com esta quantia se estabelecer um rédito annual ao Sr. Silva ou sua familia: com isto o mesmo Sr. entregará a sua receita com toda a explicação, e clareza.

O governo mandará imprimir, e distribuir a receita por todo o reino.

Como ha algumas villas grandes, que não teem cazas de misericordia, as camaras municipaes d'estas, deverão concorrer com a sua quota como se as tivessem.

Para evitar todo, e qualquer receio ao Sr. José da Silva, falta, ou difficuldade nos seus pagamentos, lembra-me, serem os governadores civis de cada

districto obrigados a cobrarem as quotas das contribuintes, e remettel-as em certa época de cada anno ao Porto ao dicto Sr., ou á sua ordem: e por sua morte a seus herdeiros até prefazer o prazo dos annos estipulados. Repartida esta quantia proporcionalmente por todas as misericordias, vem a sair uma bagatella a cada uma; ; mas que vantagem se não tira de extirpar a terrivel molestia da lepra, no nosso Portugal!

Sem ser por lei, ou com uma especie de força, nenhuma sancta caza se resolverá: e n'isto não se deve perder tempo pelo amor de Deus, e por charidade.

Faro 14 de Outubro de 1843.

José Joaquim Ramalho.

—
Ou esta proposição do nosso estimavel correspondente, ou algum outro similhante arbitrio, deve e ha-de ser infallivelmente adoptado, se depois das necessarias e sisudas investigações, a que o governo não póde deixar de proceder, se achar que nas preconizadas curas, feitas aos leprosos pelo Sr. Silva, não ha charlatice nem illusão.

DENUNCIAS SOBRE ACEIO, SEGURANÇA, SAUDE, E CÔMMODO PUBLICO.

(Communicado.)

2241 Não somos indifferentes ao bem, ou ao mal de que somos participantes como membros da sociedade.

Prohibiram-se as cabras na cidade, e suas immediações; não nos compete censural-o: ha muito que dizer pró, e contra; continúa-se porém, a permittir o trânsito das vaccas soltas, pelas ruas.

D'esta liberdade temos nós visto consequencias desagradaveis. Não ha muito tempo, que uma d'ellas indo mesmo a passo natural esbarrou com um pobre ce-go, ferindo-o no rosto, com uma das pontas; até ás vezes as temos visto correr precepitadamente por uma, e outra parte pondo tudo em confusão: e já as vimos n'esta desenvoltura transpôr os columnellos da praça de D. Pedro, e correrem por algum tempo espantadas, pelo passeio oriental da rua do oiro; e sabemos de uma senhora de pouca vista, que já por duas vezes foi lançada em terra por um vitello. Parece, por consequencia, que seria util obrigar os vaqueiros a trazellas prezas, como as cavalgadas.

A postura, relativamente ao despejo das aguas, está, por muitas partes totalmente relaxada; vasando-se a todas as horas; e não obstante o trânsito das carroças do lixo, este é lançado ás ruas, até nas mais publicas, e de maior passagem; vendo-se por este motivo, algumas bem immundas.

As segas e cavalgadas, continuam suas carreiras, ameaçando e realisando os males já varias vezes advertidos. Não ha muito tempo, que sendo detido um cavalleiro, que corria a toda a brida, respondeu, quando por isso o repreendiam:—«que elle via, uma alta personagem que nomeou, fazer outro tanto; e que o direito era igual para todos.» Ha poucos dias, que um bolieiro, por bem pouco, não esmagou um carreiro, entre a rodas da sege, e a do carro; este correu sobre aquelle, com o aguilhão, e não succedeu uma grande desgraça, porque os cavallos da sege, eram mui velozes. Isto é falta de policia, como o é igualmente o enxame de ratoneiros, que por to-

d a parte se encontra. ¿Que quer dizer tanta rapiada a vender cautellas? ¿Tantos ciganos, assentados pelas portas, com falsificadas peças de panninho, atravessadas nos joelhos, e até descaradamente assoalhando certas fazendas immoraes, e escandalosas, que a honestidade nos não permite nomear, e que offerecem a quem passa? A mim mesmo já se offereceram, não obstante a seriedade que inculco: e n'um estabelecimento de muzica ao Calhariz, tiveram elles o desaforo de apresentar uma porção d'ellas, para hypotheca de uma divida que contrairam. ¿De que vivem estes homens? ¿Quem pratica tantos actos de rapina, de que os jornaes fazem continuamente menção? ¿Que diremos de tanta mocidade estragada, e vadia, que povoa, noite e dia, certos sitios, com desaforado escandalo? Falta de policia! Nós pagamos, para se nos mantêr a nossa segurança, logo cumpra-se para com o povo o que se lhe deve. ¿Será isto porém bradar no deserto? A camara não quer pejamentos pelas ruas; tem razão. ¿Quem peja o largo de São Roque? ¿Quem conserva a par da muralha do passeio de S. Pedro d'Alcantra, na calçada da Gloria, immundos terraços, e arruinadas barracarias, que tão mal contrastam com a bellissima perspectiva d'aquelle passeio.

Vamos adiante. Toquemos uma corda mais grave.

¿De que provém, tão complicados padecimentos como ha tempos a esta parte vão apparecendo, e grassando entre nós? A mocidade, em ambos os sexos, pela maior parte infesada, macilenta, débil, e cheia de affecções morbosas, apresenta o aspecto mais insalubre. Palpitações extraordinarias sobre o coração, tenho eu encontrado em grande numero de creanças, filhos de paes robustos, e saudaveis; seguindo-se-lhe pouco appetite, despinéa, e afflicções. Apesar dos maiores disvélos, sobrevem o marasmo, a atrophía, e a morte. N'outros desinvolve-se o virus scrofuloso, manifestado, não só pelos signaes externos, como a côr, as intumescencias, ou infartes glandulosos, mas até com o caracteristico de identicos padecimentos no abdómen, mesenterio etc. que levam pouco a pouco aos mesmos resultados. Nos adultos, vemos predominarem além d'aquellas as hepatitis, e como consequencia d'estas as hidropesias, as hemoptises, a molestias dartosas, as hemorrhoidas, e a debilidade geral nos órgãos visuaes.

As parilycias, apoplexias, e ataques hypeleticos, são frequentes, bem como a hética e ptytica pulmonar.

¿Quaes são as causas efficientes de taes padecimentos? ¿A educação?

Tenho provas em contrario, na minha propria familia. Sem adoptar as theorias do *Emilio*, de *Jean Jacques*, procurei dar a meus filhos uma educação a mais alheia possivel a superficialidades nocivas; no physico, conformei-me, quanto pude á simplicidade natural; no mais segui a praxe mais prudente; não obstante, um falleceu aos 17 annos, no estado atrophico; outros soffrem padecimentos que tem exemplo, em seus progenitores. ¿Influiram n'elles os ares? Os de Lisboa não são nocivos. ¿As aguas? não são más. Verdade é que estão muito demudadas, e sobcarregadas de terras calcáreas, mórmente depois da introduccão de muitas differentes das primitivas, apesar das prévias, e officiosas analyses. Isto se vê não só das cafeteiras, em que se fervem, mas até das mes-

mas talhas em que se guardam; depositando, em poucos dias, bastante lodo, e corpos organicos; o que juncto ao máu regimen dos barrís, expostos á acção da poeira, e até servindo de assentos aos sordidos aguadeiros as faz tediosas: mas é mal sem cura. ¿Serão as bebidas debilitantes, hoje tão vulgares? ¿As irritantes, e alcoholicas tão frequentes, as especiarias etc. etc.? Parece-nos que não são estas só por si causas sufficientes para tantos padecimentos, ainda que para isso bastante concorram. ¿Logo quaes serão os motivos principaes? Esta decisão pertence aos clinicos. Porém aventurarei, com a devida vénia, algumas razões em geral.

A natureza estava na posse de uma regalia, que se lhe coartou; era a erupção das bexigas, de que muitos eram victimas, seguindo-se-lhes a morte, ou ficando mais, ou menos disformes. Descubriu-se a vaccina, e desde então cessou aquella molestia, nas pessoas vaccinadas. Não sou eu inimigo da vaccina; ¿mas quem sabe, se ella oppondo-se ao desinvolvimento de um virus tão nocivo, e corrosivo, o obrigue a uma retroacção para as visceras, e entranhas, onde a sua acção lavrando a pouco e pouco, produza nos adolescentes os padecimentos que apontei? A varicelle tornou-se mais frequente, ou como que appareceu entre nós, depois da entrada da vaccina; e este facto póde ser um novo argumento para a nossa asserção. Os medicos que decidam.

Os tractamentos debilitantes; as emmissões sanguineas immoderadas, o uso de substancias heroicas, principalmente da classe dos mineraes, e muitas vezes applicadas por mãos menos habéis, tambem podem concorrer para graves prejuizos; mas sobre tudo a falta de hygiene, e de policia medica, juncto ao que levo espendido, póde mui bem ser a causa de muitos d'aquelles accidentes. Já por vezes se tem fallado sobre o prejuizo da coloração dos doces por via de regra, com côres mineraes, e sempre nocivas; mas continua-se no mesmo abuso. As mesmas côres vegetaes, nem todas são salubres. Sabemos que se usa com profusão do çumo da *Fitolaca decandria vulgò*, *cachos da India*, e esta planta é mui suspeitosa nas suas virtudes. Os vasilhames de cobre, supposto que estanhado, continuam a usar-se. O estanho, nem sempre é puro; de ordinario contém arsénico. Quero conceder, que este, como mui solúvel na agua, e mesmo volatil no fogo, não exista na estanhadura; concedo que o estanho, não seja de sua natureza prejudicial; porém, com o uso vac-se extinguindo, passa com os alimentos para o estomago, suas particulas, sempre angulosas, e mais ou menos agudas, podem excitar folgozes e até escoriações nas mucosas, e d'ahi seguirem-se outros padecimentos. Isto mesmo póde succeder com a folha de Flandres, que não é senão a folha de ferro estanhada. Os pipos, ou barrís, ainda os vemos com torneiras metalicas; os metaes são atacados pelos acidos, e todos os licores contém mais, ou menos acidos, acético, málico etc., que podem formar outros tantos corpos tanto mais nocivos quanto o metal das torneiras é sempre da natureza do cobre. A mesma agua se decompõe pelo contacto dos metaes, roubando-lhe estes o oxygenio, como se vê nos pucaros, bacias, e tachos de arame; formando-se o verdete. Eu tenho visto fazer até calda de tomates n'aquelles tachos, apresentando d'um para outro

dia, um circulo de verdete, em roda da superficie da calda. Quem com conhecimento d'isto se atreveria a comel-a? O azeite dissolve espontaneamente o cobre, como se póde ver nos pratos dos candieiros, em que o azeite extravasado se torna verde; e esta dissolução é mui toxica. O esmalte da louça ordinaria, quasi sempre é atacado pelos acidos.

Os vinhos, licores, e cervejas, são muitas vezes clarificados pela pedra hume, e dulcificados pelo alvaiade, e outras substancias que produzem, quasi sempre pessimos resultados para a saude. Aos primeiros é mui vulgar, para lhes dar corpo, associarem-lhes a baga de sabugo, o campeche, etc. etc.

De uma mercaria sei eu, que arrebatando-lhe um odre cheio de vinagre, isto produziu fortissima effervescencia, sobre o pavimento em que se derramou. Aquelle phenómeno era devido á desinvolução do ácido carbonico, pelo muito ácido sulfurico contido no vinagre; se este se examinasse, por muitas partes achariam eguaes resultados, além de outras muitas substancias irritantes, e putrefactas que os ignorantes trastistas lhe associam. A não ser assim como poderiam dar uma canada por 30 rs., e dois vintens?

Vemos as manteigas e banhas, ardidias, e ranceadas; os generos comestiveis, por toda a parte expostos á acção, não só da atmospherá, mas dos insectos, da poeira, dos vermes, dos miasmas mephiticos, e accumulados, em cazas sórdidas, e sem accio, nem cautella alguma.

Seria enfadonho, se referisse quanto tenho observado. Passarei sómente a mencionar mais dois objectos, que julgo tambem concorrerem para os nossos padecimentos. — Vê-se por essa cidade uma infinidade de cazas vendendoervas ao publico, sem que os vendedores, pela maior parte, tenham os devidos conhecimentos; e não só vendendo as ervas ou plantas communs, porém até senne, maná, sulfato de magnesia, e outras muitas coisas, privativas das boticas, isto sem peso, circumstancia tão necessaria, e sem a menor idéa das quantidades proprias, mas calculando a olho como lhes parece. Já um criado me apresentou uns poucos de molhos de doçamarga, que lhe venderam por belladona. Mas ainda quando o fosse, dever-se-hia vender assim uma planta tão perigosa? Não teem elles a cicuta, e a digitalis, entre as plantas mais innocentes! Não teem elles tudo em confusão, e misturado, sem prevêr faceis enganos, mormente de noite! Todos sabem que entre tantos herbolarios, nenhum ha de profissão, e quando o houvesse, elles nunca se habilitaram com outros estudos mais do que uma pratica usual, e vaga. Mas que diremos dos droguistas? Como os herbolarios, elles não teem estudos alguns, mais que o ramerrão de comprar, e vender. Ignoram os caracteres das substancias medicas, que compram, e vendem. São inteiramente alheios aos preceitos da conservação, e duração dos medicamentos. Elles os conservam indifferente, e avulsamente, em caixas, alcofas, barrís, e até em pilhas sobre pavimentos humidos, expostos á acção do tempo, e dos vermes; em contacto muitas vezes, com as drogas pertencentes ás tintas, e o que mais é, sujeitas a uma atmospherá impregnada de pó venenoso, que se eleva, ao pisar o verdete, o macioto, o alvaiade, o arsénico, as fezes d'oiro, o ver-

de montanha, o verde inglez, e outros muitos toxicos. Servindo-se talvez, indifferente de medidas, e funís, para uns e outros liquidos, por isso que não sabem, nem teem, noções algumas da sciencia pharmaceutica, ou chimica, para evitarem os perigos. Tentou-se, para remediar estes males, um estabelecimento utilissimo, qual era uma associação de accionistas para um armazem de drogas, e medicamentos de que os pharmaceuticos podessem prover-se, sem os inconvenientes actuaes. A saude publica, e os interesses communs, tirariam de semelhante fundação as maiores vantagens.

Accresce outromal, não só para o publico mas para os pharmaceuticos, e é que alguns droguistas se teem dedicado não só a vender por miúdo ao publico, mas até a aviar, ou improvisar receitas, sem que se lhes tenha prohibido semelhante abuso. Os pharmaceuticos, estudam, fazem exames, compram livros, aparelhos, e teem muitas despezas para se habilitarem ao desempenho da sua arte, e aquelles sem algum encargo, ou fadiga, gosam e desfructam vantagens para as quaes sómente os auctorisa a impunidade. Os pharmaceuticos escolhem o senne, o musgo, a avenca, e todas as drogas susceptiveis de misturas estranhas, ou corpos heterogenios; teem o maior cuidado nos graes, nas peneiras, e em todos os utensíis, que teem de servir aos medicamentos, a fim de se não communicarem, gostos, ou sabores estranhos. Precisam o maior disvelo nos pesos e balanças; a attenção mais minuciosa em tudo, mas principalmente no que diz respeito a usos internos, e como póde um idiota fazer com perfeição semelhantes preparados? Confesso que não tenho indisposição com os droguistas, e antes algum ha a quem sou summamente obrigado, porém este é, assim como os mais, homem de honra, e de probidade assás segura para se não escandalisar das verdades que exponho. O desejo do bem commum, principalmente no que diz respeito á minha profisção, é quem me induz a fallar d'esta sorte. Prasa ao céu que a distincta Sociedade Pharmaceutica, possa fazer ouvir sua altisonante voz, e fazer-se attender nas suas sabias, e nunca bastantemente louvaveis intenções, por aquelles que teem o competente poder, para reprimir os abusos, proteger uma corporação tão digna de o ser, e prestar-nos aquelle auxilio que a nossa situação requer e necessita.

Lisboa 26 de Setembro de 1843.

Henrique José de Souza Telles.

AVISO HYGIENICO ÁS BELLAS.

Peza-lhes a estas de serem feitas da mão do creador; e parecê-lhes, que não saíram d'ella do modo que havia de ser, assim tractam quanto pódem de emendal-o.

Nova Floresta de Bernardes.

Eis-aquí tambem um negocio bem embrulhado.

Casamento de Figaro, acto 5.º scena 19.

INTRODUÇÃO.

2242 Afastemos um pouco a vista dos campos áridos da politica, aonde materialmente se debatem os interesses materiaes de certo genero, que se traduzem sob a conhecida formula — *pecunia*:— isto pede-se como coisa possivel, se é que o é. E como consequencia d'este humilde postulado lancemol-a para os prados artificiaes, onde o cuidado da belleza reina absoluto, e sujeita á vara de ferro, e dicta as leis

mais austéras e mais absurdas, á ametade mais bella e melhor do genero humano. Tentemos introduzir tambem ahi a espinhosa questão dos interesses materiaes, e vejâmos, se attenta a natureza do sugeito, a quem não é estranho, ou antes coube o dom singular de suppositar contradictorios, e conciliar extremos, será possível casar, como é a phrase e bella idéa do nosso grande ingenho contemporaneo, o reinado de D. Quichote com o de Sancho. Expliquemo-nos melhor: — a saude e a formosura, que no tempo das gregas, e das gregas ainda mais que das romanas, eram tão socias, tão amigas, e tão irmãs, que se mutuamente auxiliavam em tudo, acham-se hoje em divorcio e guerra aberta. Estão até propostas para duello. Ora se ha coisa peor que um duello masculino, é um duello feminino.

Era ao cuidado da belleza, e ao seu visir o desejo de agradar, a quem cumpria o pol-as bem, ou quando menos fazer-lhes manter o campo equal. O dynasta porém, e o seu ministro valido, entregues todos e afferrados ás doutrinas do bello ideal do cavalleiro da Mancha, inclinaram ás partes da supposta formosura, e eil-a foragida a coitada da saude, em exilio perpetuo das cidades e villas, e apenas encontrando abrigo na vivenda dos campos, e morada no semblante corado e corpo rochunchudo das aldeãs. Ora as vassallas da formosura ainda aquellas que mais beijam a mão, que as castiga, não deixarão de ter saudades da vencida dominadora. Póde muito bem ser, que se prepararmos convenientemente a opinião publica, não fosse mal aceita uma restauração n'este genero, com todas as suas consequencias naturaes, ou quando menos um armisticio, para que qualquer podesse impunemente ser bonita, sem ser doente nem cachética. É pois o nosso fim trabalhar por constituir o imperio da belleza sob o imperio da saude, e fazer passar como regra, contra o que se achava estabelecido, que o feitiço das obras da mão de Deus não ha mister ser emendado, nem corrigido pela mão e cabeça dos homens. O negocio porém é espinhoso, e embrulhado. Se não podémos desatar o nó gordio, cortal-o-hemos á feição de Alexandre.

V. 1.

(Continuar-se-ha.)

DA NECESSIDADE DE UM SYSTEMA E NEXO NA ELABORAÇÃO DA REFORMA POLITICA.

2243 Em um artigo inserido no numero 8.º da *Revista Universal Lisbonense* chamámos a attenção dos homens sensatos e honestos sobre a necessidade de se distinguirem, e rectificarem alguma idéas e expressões alias de frequente uso vulgar; e de se adoptarem os meios mais adequados para se salvar o throno, e o governo constitucional do perigo, que os ameaça.

Hoje insistimos na necessidade de se proceder a uma verdadeira *reforma politica*, dirigida em conformidade dos principios de direito constitucional, por meio de um systema de leis *fundamentais* ou *constitutivas*, e de *leis organicas*, ligadas e connexas entre si, e coherentes com a forma de governo, que se proclamou, e adoptou.

Proclamou-se, e prometeu-se com effeito o *governo representativo* com a sua essencial *separação e independencia dos poderes politicos do estado*, com as suas indispensaveis *garantias*, e convenientes *instituições*.

Entretanto ainda não estão organizados os poderes, nem existem as indispensaveis garantias da *justa liberdade individual*, nem as da *ordem publica*. Tem-se feito na verdade alguns ensaios de melhoramentos, mas parciaes, desligados, e incompletos. — Não se adoptou porém até agora um systema de leis, que por sua natureza, nexos, e extensão possa merecer o nome de *reforma politica systematica radical*, e completa.

Ora é evidente á luz dos principios da sciencia de organização social, e confirmado por mui custosas experiencias — que sem uma reforma verdadeira e systematica no sentido do governo representativo, é eminente o perigo de se repetirem os actos do poder arbitrario, e as convulsões da anarchia. Isto não quer dizer, que o despotismo ou a tirannia possam exercer a sua acção, com a mesma violencia e torpesa em um paiz onde uma vez se proclamou o governo representativo; mas é possível, e de facto se observa que os amigos do privilegio e do poder absoluto, escondendo-se por detraz do simulacro de governo representativo, disfarçam-se, adoptam a linguagem constitucional, e deslumbram a multidão com palavras sonoras, discursos pomposos, e promessas sempre vans e illusorias.

Da falta de cumprimento ás promessas de uma verdadeira reforma systematica e completa, procede o descredito em que tem caído o governo chamado liberal ou representativo no conceito das pessoas que, por ignorancia, ou por falta de reflexão, confundem as instituições verdadeiramente liberaes com os erros e paixões dos egoistas, e dos ambiciosos do poder.

Da falta de um conveniente systema de reforma, e de garantias constitucionaes resulta a desorganização social, em que nos achamos; bem como a variedade dos partidos, e côres politicas, e a incerteza e anxiedade da opinião publica sobre a sorte futura do paiz.

Ora se a calamidade, que nos afflige, procede da falta de um systema de leis constituintes e organicas, exacta e logicamente deduzidas dos verdadeiros principios do systema de governo representativo, é evidente que o remedio consiste em se proceder sincera e efficaçmente a uma *reforma systematica* concebida, e executada n'este sentido.

Só por meio de uma reforma tal se póde pôr termo a uma torrente de males provenientes de uma *revolução* dirigida sem plano, nem nexos de systema; e bem assim prevenir as novas calamidades que são de prevenir, e recear.

Só por este meio se póde assegurar (quanto é humanamente possível) á geração presente a *justa liberdade*, a *segurança pessoal*, e a *propriedade* dos bens; e não só dos materiaes e caducos, mas principalmente dos da *intelligencia* e da *moralidade* que, são as mais solidas bases da reforma politica, e da regeneração nacional.

Portuguezes avisados, e sem preoccupações de partido! maioria respeitavel de uma nação digna da bem entendida liberdade! Uma voz fraca, e quasi extincta se levanta, mas por ventura será ella o interprete dos vossos sentimentos, e dos interesses reaes e verdadeiros da nação.

O mal, de que nos queixamos, é grave, mas não incuravel. A nossa principal doença politica é a desorganização; e esta doença se complica, e agrava

com a dos interesses, e pertencções dos partidos. — O remedio consiste na *reforma fundamental e organica*, dirigida systematica e ordenadamente pela representação nacional, em conformidade dos mais sólidos principios de direito constitucional, logica e naturalmente deduzidos e applicados á nação portugueza. — Este remedio acha-se formulado por um genio e coração portuguez que o concebeu, e consagrou á sua patria. Está justamente pendente da approvação da representação nacional, porque é só do seio da nação, que deve rebentar o fogo que ha-de regenerar; *todo o que vier de fóra é mephitico e suffocativo*, para me servir da idéa e da phrase de outro genio portuguez. — Um tão valioso donativo importa porventura a salvação da patria; e vem de mão limpa, e não suspeita de odio, ou ambição. O mal vós o sentis, e experimentaes. — O remedio, que se vos offerece, já está no dominio da opinião publica. Não o rejeiteis sem exame, e conhecimento de causa. — Possa a verdadeira opinião publica emancipar-se d'essa funesta influencia dos partidos que a tem conduzido e desvairado a sabôr das paixões, e dos interesses particulares.

Filipe Ferreira de Araujo e Castro.

VARIÉDADES.

COMMEMORAÇÕES.

TRASLADAÇÃO DA RAINHA SANCTA.

29 DE OCTUBRO DE 1677.

2244 ? Quem diria, que os viçosos sinceiraes, que órlam hoje as aprasivais margens do Mondego cêrea de Coimbra, se elevam sobre destroços de columnas seculares, áras sagradas, e reliquias de mórtos? Quem, ao vêr em noites de agosto os folguedos e cantares dos camponeses nos arcaes do rio, poderia sequer imaginar, que, onde então vibram as cordas da viola, já resoaram harmonias de órgãos saudosos, e canticos de virgens consagradas ao Senhor?

Um mosteiro real, e tres conventos se estendiam magestosos pela beira do rio, que ainda então corria fundo e encolhido; d'estes resta apenas a memoria nas chronicas das ordens religiosas, cujos eram; d'aquelle sómente existem as valentes paredes do templo, já tismadas pela fuligem dos seculos, os portaes, e campanario; e através das estreitas frestas observam-se as naves cheias de agua e lodo, as columnas quasi submergidas, uns longes de arabescos, e algumas lacarias esboroando-se.

N'este seu prezadissimo templo, em companhia das virtuosas filhas de Sancta Clara, crêra a Rainha Sancta Izabel teria mansão perpétua o seu cadaver: assim o determinára em seu testamento, e até fizêra collocar em logar de sua escolha o móimento, que ainda em vida e sob sua direcção mandára construir. Contrariou porém o Mondego tão piedoso propósito: fez-se, de humilde que era, soberbo e arrogante, elevou o álveo, transpôz as margens, e depois de submergir a *Freguezia de S. Cucufate*, e os conventos de *Sancta Anna*, *S. Domingos*, e *S. Francisco*, investiu o mosteiro de *Sancta Clara*, cujos dormitorios e officinas foi de anno em anno demolindo, e convertendo em charcos insalubres. A principio soffreram as Frei-

ras pacientemente as descortezias e offensas de tão ruim vizinho por conta do amor que tinham á caza, e respeito que tributavam á Sancta, sua Bemfeitora, que receavam desagasalhar; redobraram porém as fúrias do rio, e seria tentar a providencia querer-lhes resistir. Requereram ao Senhor D. João IV., que assim como havia restaurado o reino do dominio de Castella, lhes restaurasse tambem a habitação, livrando-as da tyrannia do Mondego. Deferiu-lhes el-rei; mandou edificar novo mosteiro, encommendando o cuidado da obra a D. Antonio Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede, depois Marquez de Marialva, e a planta do edificio ao engenheiro mór do reino, Fr. João Turriano. No monte da Esperança a 6 de junho de 1649 se lançou a primeira pedra, e sómente no dia 29 de outubro de 1677 é que pôde fazer-se a trasladação.

El-rei D. Pedro II., então Principe Regente, tomou singularmente a peito o celebrar esta funcção com toda a pompa e magestade: mandou a Coimbra a tractar de seus aprestos os Conselheiros d'Estado, *Marquez de Arronches*, e o *Visconde D. Diogo de Lima*, com o *Secretario Roque Monteiro Paím*, e em seguida os Titulares necessarios para levar as varas do pallio, e borlas do guião, que com outras alfaias preciosas offerecêra para serviço da Sancta. Sete Bispos, a Clerezia Regular e Secular, todas as Confrarias, as auctoridades civís, a corporação da Universidade, a camara, etc., compozeram este solemnisimo préstito: e para o vêr, e venerar a Sancta, concorreram das diversas provincias do reino innumeraveis pessoas. — Por tres dias se abrazou a cidade com luminarias, e o céu com fogo de varias vistas: por mais tempo duraram as justas, os concertos de musica, as danças, e outros generos de divertimentos, usados n'aquellas éras, que seria longo memorar.

Bellos tempos eram aquelles, em que os portuguezes por tão differentes modos testemunhavam sua veneração á Rainha Sancta; ao presente, apenas meia duzia de trôpegos clerigos (a que por escárneo denominam o *Cabido da Sé Cathedral de Coimbra*) vão todos os annos processionalmente ao Mosteiro de Sancta Clara celebrar uma Missa no altar da Rainha Sancta. A Camara Municipal costumava acompanhar o Cabido; porém desde 1834 tem deixado de cumprir este piedoso dever.

Gusmão.

Tivemos o gosto de percorrer a collecção de poesias lyricas, intitulada — *O Meu Album* — que o joven poeta o Sr. João de Lemos Seixas Castello-Branco ha tempos annunciou em um programma avulso, e de que já n'este jornal demos noticias no artigo 1412.

O Meu Album é uma collecção assás crescida de trechos de prosa e versos, de grande variedade e invenção. — Abundancia de sentimento, ora profundo ora mimoso; arrosos de phantasia, que não raro chegam a creação; originalidade no stylo; muitas vezes bellezas lyricas de uma ordem muito elevada, e constantemente philosophia moral e religiosa, eis-aqui em nosso intender, os méritos, por onde este livro se hade fazer recommendado. — São as estrêas juvenís de um grande ingenho, ao qual, sem temeridade, já se podem predizer bellos futuros.

À primeira das tres partes, de que o *Album* se compõe, intitulou o auctor — *Innocencias*: — e d'ella nos

permittiu colhermos alguns ramos, para os offerarmos, de antemão e como primicias aos leitores amantes e desejosos dos progressos da nossa litteratura.

Em outros numeros os iremos presentando com a mais escrupulosa fidelidade.

Para hoje escolhemos não por melhores, mas por mais curtas, as peças, que vão ler-se:

INNOCENCIA DECIMA SEGUNDA.

ELIZA.

..... É certo

Il trionfo d'Elisa.....

Galeotto Manfredi. Monti.

2245 Vem sentar-te, donzella, em meus joelhos;

Cinge, cinge-me ao côlo o róseo braço;

Poisa a face na minha; ergue os teus olhos;

¿Que vês tu, innocente?

«Vejo o vôo da pomba: — é teu anhêlo:

«Alva nuvem partir-se: — é teu sorriso:

«Vejo o Sol, que fulgura: — é tua imagem:

«Vejo o Céu: — é tua patria.

Vem sentar-te outra vez nos meus joelhos;

Embebe-me no seio essa candura;

Inclina aos vagos sons o puro ouvido;

¿Que escutas, innocente?

«Oíço a fonte a carpir: — é teu suspiro:

«Da philomélla a voz: — és tu, que fallas:

«Oíço as harpas do mundo: — são teus hymnos:

«Oíço um anjo: — é tua prece.

Oh! vem mais uma vez aos meus joelhos;

Casa teu peito ao meu com mais extremo,

Que vaes tudo saber; assim; responde,

¿Que sentes, innocente?

«A tua mão, que me estreita: — é meu carinho:

«Os teus labios nos meus: — é casto beijo:

«Teu seio, que me abraça: — é meu affecto:

«¿Fugiste! — és a innocencia!

INNOCENCIA VIGESIMA.

ORAÇÃO DE LEONOR.

Ora pro nobis.

Lua e Sol são duas rodas

Uma d'ouro, outra de prata,

Que o pae do Céu, que nos mata,

As creancinhas deu todas;

O christal, que se desata

Sobre alcatifas do prado

Vem lá d'um rio sagrado,

Que tem as nuvens do Céu,

A noite mais estrellado

Do que a varzea tem papoilas,

Inda tem mais lentejoilas

Do que o meu candido véu.

E o Deus Senhor, que me deu

Nas faces lindeza tanta,

Ouve os hymnos, que descanta

O celeste Cherubim,

E tambem me escuta a mim

Se minha madre levanta

Mãos da sua Leonor,

Ao pod'roso Creador,

E comigo diz assim;

«Dae á filha da minha alma

«Vida eterna e salvação

«Dae-lhe paz no coração

«Dae-lhe verde e casta palma!

Ao cabo me estampa um beijo

Sobre os labios de rubim,

E farta novo desejo

Em meu colo de marfim.

E o Deus Senhor, que me deu

Nas faces lindeza tanta,

Ouve os hymnos que lhe canta

Todo o vivente da terra

Ou seja moiro ou judeu,

A pastorinha da serra,

O cançado lavrador;

Ouve melhor o christão,

E a innocente canção

Da formosa Leonor!

NEM ANJO NEM DEMONIO.

III.

2246 Já me não lembra onde trunquei o meu romance, em verdade vos digo, amigo leitor; — não entra aqui extravagancia, acredite-me.

A heroína de quem me propuz contar-vos, poderia ter por emblema uma borboleta, e um aspide, e tão ligeira, tão recamada em seus matizes, como o é a borboleta; tão traçoira, e desleal como o aspide escondido a transsudar lento e manso venenos mortiferos por entre flores e rosas.

A minha borboleta é anjo e demonio, e esta persuasão em que estou é um mysterio revolucionario, por isso mesmo me pronuncio desde já pela minha borboleta. Estou pronunciado. Vamos ao romance.

Mas antes de continuar, deixem-me dar ordem ao meu criado — corretor entre mim e a tal borboleta — que estou invisivel, inviolavel hoje..... para certos vadios, que me veem desorientar esta cabeça, que, segundo é fama, não val muito. Eu não quero enganar ninguém, portanto vou dar o meu programma, para satisfazer escrupulos de legalidades, que por vezes me assomam no meio da minha insurreição amorosa, porque a final de contas tenho certo instincto de disciplina e governança; e para que se não admirem e não vejam contradicção onde a não ha, oíçam-me, e desculparão a minha mobilidade: estou certo d'isso.

Os meus amores não são ordeiros, por Deus não! pasteleiros tão pouco! são turbulentos e anarchicos; parecem-se com o povo, ora desentoadado, ora humilde, isto seja dicto de passagem; nutre-se na sua loucura de interrupções e desigualdades: corre vivo e esperto, arrasta-se frouxo e preguiçoso; mas ha n'elle um desenho e colorido especial, toques novos, caracteristicos como nos quadros do Poussin; se eu os explicára, déra ao leitor a razão critica, porque gosto d'este marulhar do coração.

Basta de explicações, visto que terão intendido que o romance ha-de ser turbulento e anarchico: se não gostarem, não sei melhor! Dou o que tenho, digo o que sinto. Este defeito é a minha virtude.

N'um dos pendores de Lisboa, se assenta caprichosa — como a escorregar — uma linda eaza, verdadei-

ra-habitação de uma fada, ; pelo menos a mim me fadou ella! czinha encantada, tecida de sedas e auréolas, a espelhar-se desdenhosamente nas aguas da bahia, que lhe banham os pés; isolada, sósinha, retirada do bulício do mundo, a olhar livre, a respirar fresca, para a cidade, que lhe fica em baixo, como avassallada; quando me vou a passear ás horas amenas da tarde pelas ribeiras magestosas do Tejo e de longe ólho para essa czinha e vejo no píncaro de rocha inacessível o *casulo* da minha *borboleta*, como prestes a resvalar e a desprender-se lá do escarpado da ladeira, giram-me pelo corpo calafrios e ataques nervosos, porque me parece, que tudo aquillo vem a rolar do cume pela montanha — que é uma das sette sobre que se pouza a cidade — esfrio de susto e me fico a carpir a morte da fada, que me enfeitça e me dá tractos.

Resguardam o folhelho da *volatil*; robles desterrados da floresta, cedros fugitivos do Libano, alterosas palmeiras da Arabia, emblematicas acacias, inconstantes alamos, e magoados chorões; os raios do sol antes de alumiar as faces brancas e rozadas da minha *borboleta*, quebram seu ardor embatendo-se no opaco arvoredado para lh'as não crestarem; visita-a já manso e socegado a curvar-se humilde e de joelhos para o seu occaso, porque em memoria de gente viva não ha exemplo, que as fadas principiem suas travessuras senão pela volta do crepusculo — horas de saudades e melancholias a desatar amores magoados de esperanças, amores que se pendem sobre precipicios sósinhos e a suspirar encolhidos, — horas do crepusculo, que me florís a vida, que me coaes pelo animo, repouzo e socego das luctas da terra, para me emmaranhades no vago e ideal de sentimentos bellos, que me entram pelo coração, — e eu vos saúdo, sem ainda suspeitar porquê!

Ora, como ia dizendo, vou-me a passeio muitas vezes pelas bordas do rio, que só tem outro com quem dispute primazias: mas não creio eu que em todo o mundo haja rio mais bello e soberbo que o Tejo; tão manso, socegado, e fiel, em sua paz, como turbido, colérico, e irado em suas furias. Quando o encontro sereno e brando fujo d'elle a bom correr, porque essa bonança reflecte meus prazeres fugitivos; mas quando o encontro inquieto e tormentoso recolho-me todo nas suas borrascas, identifico-me n'este emblema de minha vida, a olhar sempre — e sempre — para o *casulo* da minha *borboleta*, que quasi se avista de toda a parte.

É máu gosto, diriam muitos; ; que me importa esse diser?

Outras vezes me vou a visitar a morada dos mortos, que já me não fazem mal: ha todavia um tumulo e não longe d'este, outro, cujo silencio me fere e punge: quizera-lhe espedaçar a louza, pôr-me em frente d'esses dois cadaveres, a estas horas já sem formas distinctas, quizera vel-os uma só vez, lhes dizer bem ao ouvido poucas palavras.

O culto dos Arabes pelos tumulos é uma religião cheia de vida, de sentimentos e crenças: é digno de respeito vêr essas *caravanas*, abraçadas com a lembrança do que já passou, atravessar rápidas e silenciosas as cordilheiras dos Marabouts, parar poucos momentos para se inclinarem diante dos sepulchros, e depois recolhidas em magoas sentidas, e

o peito a estalar de dôres subirem o Atlas para se irem caminho de suas habitações.

O rugir da procella e o silencio dos tumulos são coisas que bem se combinam com a esperança, que se desfolha e mirra; não pareça pois um dessaresoamento a digressão, que levo.

Mas é tempo enfim de fallarmos na *borboleta*, que anda a *doudejar*, a brincar, e a correr pelas horas escuras da noite, por entre serranias agrestes e altos oiteiros, sem se lhe dar do cantico singelo, mas bem sentido, que vibra na solidão a tiorba de meigo trovador.

A doudinha é tão gentil e formosa; que só de a vêr eu fico com alma e brios para escrever d'ella em mil e uma noites mil e um romances; ha n'este meu amor mais entusiasmo e ardor do que no *pronunciamento* de um Catalão, mais teima e cegueira do que no patriotismo de *Abdel-Kader*.

O seu corpo é a coisa mais gentil que nunca ví; as curvas graciosas de Phidias, os contornos acabados de Praxiteles estam longe de similhar-se ás formas da minha *borboleta*; tão delicadinha, tão aeria, tão ligeira, que fôra impossivel a buril algum imitar delicadezas tão mimosas: o seu pésinho mais ligeiro que o da *Camilla de Virgilio*, a sua cinturinha, tão fragil que me arreccio sempre de lhe tocar, assusto-me de com o mais pequeno movimento quebrar pelo meio esse corpinho de fada. Nem lhe bulo, nem toco senão com muito cuidado e sentido.

Antonio da Cunha Souto Maior.

O PORTENTO MUSICO.

O entusiasmo, com que está sendo acolhida de todo o publico *Madame Rossi*, a mais imminente cantatriz, que em nossos dias appareceu em S. Carlos, faz-nos esperar, que será recebida com prazer a seguinte noticia, que ácerca da sua vida artistica fomos tomar de boa fonte.

2247 Nasceu *Madame Rossi*, em Barcelona aos 17 de dezembro de 1818. Da idade de 2 annos foi para Paris com sua mãe, que era da companhia do theatro-italiano d'aquella cidade. Aos 13 começou a aprender a cantar com a habil professora *Dalmari-Valdi*, e algum tempo depois com *Bordogni*. Tão rápidos saíram os seus progressos, que no anno seguinte foi admittida em um *concerto*, dado em beneficio de *Bereton*, em que figuravam os primeiros cantores italianos. Logo ahí se admirou a flexibilidade da sua voz, e as entonações que em bom gosto e segurança não eram inferiores ás dos distinctos artistas, que cantavam com ella.

Quando tinha 15 annos entrou nos córos do theatro italiano, para se aperfeioar, e adquirir uso da scena. Dois annos depois foi escripturada para a ópera-comica, onde se estreou no papel d'Anna da *Dame-Blanche*, em 10 d'agosto de 1836. Dias depois representou a parte d'*Isabel* no *Pré-aux-clercs*, e ficou sendo desde então a predilecta dos compositores e do publico. Em seu canto reconhecia-se a alma d'uma actriz com a expressão d'uma voz tão pura como vibrante. *Jean de Paris*, *L'Eclair*, *Zampa*, todo o repertorio lhe grangearam tanta estima como as duas óperas da sua estrêa. No espaço de tres annos e meio, creou *Madame Rossi* doze papeis nas óperas *les Pontons de*



Cadix, l'An mille, le Fidèle Berger, Piquillo, Marguerite, la Figurante, Thérèse, Reginé, Polichinelle, le Scheriff, la Symphonie, e Zanetta; entre outros o papel de *Marguerite* era sufficiente para estabelecer a reputação d'uma artista da primeira ordem, pela superioridade com que *Madame Rossi* sabe unir as qualidades d'actriz, com as de cantóra.

Além d'esta; *crea-ção*, *Madame Rossi* tem repetido muitas óperas brilhantemente, como *Sarah, la Double Echelle, Cosimo*, e sobre todas o *Luthier de Vienne*, em que substituiu a *Madame Damoreau*. Também não devemos esquecer *l'Ambassadrice*, em que *Madame Rossi* soube dar uma verdadeira importancia ao papel da condessa, olhada até alli como um accessorio.

No verão de 1840, *Madame Rossi* deixou Paris, e a 10 de novembro estreou-se em Milão no theatro da Scala, no papel de *Imogena* no *Pirata*. Os jornaes d'Italia são unanimes em lhe tributar, por esta occasião, os elogios mais lisongeiros. O bom methodo da cantóra, a extensão e amenidade da sua voz, a expressão dos seus gestos, a sua grande intelligencia scenica, foram devidamente apreciadas, e por muitas vezes a chamaram fóra durante a representação. A cavatina da *Norma*, que ella cantou a 23 do mesmo mez lhe grangeou um novo triumpho, ainda mais brilhante. Desde então esta aria famosa lhe era pedida nos entre-actos, e de cada vez produzia um novo entusiasmo. Todos os artigos dos jornaes de Milão a este respeito, respiram uma certa admiração pela sublime artista. O *Pirata* escrevia assim:

«Domingo, *Madame Rossi*, cõdescendendo com as instancias do publico, repetiu a cavatina da *Norma*, trecho que tem sido o escolho de tantas artistas célebres e que encerra tantas bellezas, que só de per si pôde estabelecer um rônimo. *Madame Rossi* ainda d'esta vez a cantou melhor que da primeira. Com que suavidade sa am da sua alma inspirada os sons da sua linda voz! Que divinas notas! que arte! que habilidade! que bom gosto! que melodia!»

Madame Rossi despresou muitas escripturas para voltar para Paris, tendo casado a 4 de Janeiro de 1841 com o Sr. Caccia, esculptor muito distincto.

Escurturada de novo para a Opera-Comica em abril de 1841, *Madame Rossi* alli continuou sua brilhante carreira, não só repetindo quasi todas as óperas escriptas para *Madame Damoreau*, mas creando também novos papeis em outras, escriptas expressamente para ella, como o *Domino noir, Le Code noir, La part du Diable* etc. até agosto ultimo, tempo em que deixou Paris para vir colher entre nós novas corôas de triumpho.

Deixámos para o seguinte numero apreciar as qualidades artisticas d'esta insigne cantóra.

Silva Leal.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

2248 O espirito de independencia ateadado na Irlanda não se acalma. A sua capital *Dublin* já o governo inglez a declarou em estado de sitio.

Em HISPANHA, os pronunciamentos contra o gover-

no actual vão-se levantando com quasi tanta força, como se haviam levantado os que déram nascimento ao mesmo governo.

Está recomeçada a guerra civil. O ministerio toma as energicas providencias, que pôde, até em Madrid.

Nas côrtes, que se abriram a 15 do corrente, já apparece também opposição.

PORTUGAL.

2249 Suas Magestades continuam na sua viagem; d'onde voltarão á Corte no 1.º de novembro. Diz-se que as festas do recebimento hão-de ser estrondosas. Tracta d'ellas uma juncta presidida pelo Sr. Conde de Porto-Côvo.

ACTOS OFFICIAES.

2250 *Diario do Governo de 12 de outubro.* — Os rendimentos das quarenta e oito alfandegas menores do continente do reino foram, no anno de 1840—1841, de 82:757\$291 réis: no de 1841—1842, de 100:284\$810 réis, e no de 1842—1843, de 110:634\$592 réis. Venda de fóros e pensões, e de bens nacionaes.

Idem de 13. — Os rendimentos das alfandegas grande de Lisboa, Septe-cazas, e do Porto foram de 332:310\$948. Venda de fóros e pensões, e bens nacionaes.

Idem de 14. — Venda de fóros e pensões, e de bens nacionaes.

Idem de 16. — Portarias marcando o que deve pagar de direitos uma porção de pedras de marmore, e diversos estojos de barba, e de costura menores de vinte e quatro polegadas. Aviso de que parte para Angola a 20 do corrente fazendo escala por Cabo-Verde e Benguella a charrua — Princeza Real. — Venda de fóros e pensões e de bens nacionaes.

Idem de 17. — Decreto dissolvendo a camara municipal de Evora. Ordem de pagamento aos empregados dependentes do ministerio da justiça. Venda de bens nacionaes.

Idem de 18. — Venda de bens nacionaes.

Idem de 19. — Ordem de pagamento aos empregados dependentes do ministerio do reino. Portaria do Thesouro aos governadores civis, para que estranhem ás juntas do lançamento da decima, que se não houveram com zêlo no desempenho de seus deveres. Venda de bens nacionaes.

Idem de 20. — Venda e remissão de fóros e pensões.

Idem de 21. — Decreto annexando o concelho de Monsanto ao de Penamacor para o effeito unico de serem regidos por um só magistrado administrativo. Pagamento aos professores do districto de Vizeu do mez de agosto proximo passado. Portaria mandando responder a concelho de guerra o commandante do brigue-escuna — Liberal — afundado nos mares de Cabo-Verde. Importou a despeza do ministerio da marinha e ultramar no mez de agosto em 65:672\$009 réis. Venda e remissão de fóros e pensões.

Idem de 23. — Portaria para que um tecido mui semelhante ao metim de pello, ommissio na pauta geral da alfandega pague de direitos duzentos réis por arratel. Aviso do Thesouro, de que o prazo de trinta dias para a arrematação das sizas dos districtos do continente do reino, exceptuando os de Béja, Braga, Faro, e Portalegre, começa a contar-se do dia 21 do corrente em diante. Venda e remissão de fóros e pensões; e venda de bens nacionaes.

Idem de 24. — Portaria marcando a quem se devem dirigir as reivindicações dos collectados nos impostos. Outra dizendo qual o sello, que as cartas de confirmação de doação e nomeações de prazos devem pagar. Outra para que os papeis de tinta fina extraída do carthamo, ou açafroa de Hispanha, pague de direitos de entrada 160 réis por arratel. Venda de bens nacionaes, e de fóros e pensões.

NECROLOGIA MILITAR.

2251 O conhecido capitão-tenente da Armada, o Sr. França, nasceu em verdade debaixo de alguma estrella de desaventuras: para remate de todas ellas,

andando, ha duas semanas á caça no Pragal, ao sul do Têjo, indo a saltar um cômodo com a mão na bocca da arma, esta se disparou, e lh'a fez pedaços; tres facultativos que estavam nas visinhanças foram logo chamados.

A principio intenderam, que era inevitavel a amputação de toda a mão, e o enfermo não só conveio, mas pediu que a operação se fizesse repentina e desafortadamente.

Entretanto os operadores protraíram este remedio, havido pelo unico eficaz. Não tardaram em apparecer signaes de grangena; desprezaram-se; seguiu-se o tétano.

No dia 22 ás 6 da manhã, o enfermo succumbiu.

Segundo a miuda historia e as mui judiciosas considerações de perito na materia, que havemos lido na *Restauração* de terça-feira, figura-se ter havido da parte dos aliás, mui habeis e accreditados facultativos, alguma imprevidencia, ou razões não óbvias, que por credito seu e da sciencia, esperamos ver expostas por modo, que os lave de qualquer desar desme-recido.

Não deixaremos de noticiar o resultado que d'esta importante averiguação se colher, e que esperamos será satisfatorio.

O Sr. França morreu com uma resignação condigna da sua probidade, do seu valor bellico, e das muitas virtudes civicas e domesticas que o fizeram sempre respeitado e amado de todos.

Terça-feira 24, ás 7 horas da manhã, do sitio do Pragal, partiu o préstito para Lisboa, com um acompanhamento numeroso e conspicuo, conduzindo o corpo á mão desde o desembarque até á ermida da Gloria onde se lhe fez um solemne officio com missa, a que assistiram mais de trezentas pessoas, que depois, com suas tochas nas mãos, acompanharam o illustre finado até ao cemiterio de N. S. dos Prazeres, onde foi sepultado com todas as honras devidas á sua patente de capitão tenente da armada.

ROL DE DESGRAÇAS.

(Carta.)

2252 *Sr. Redactor.* — Durante a minha estada no Sobral, que andou por um mez, contado de meio de agosto a meio de setembro, na villa, e até volta de uma legua, succederam tantos desastres e infelicidades, que me resolvi tomal-as a rol para o enviar a V.

Passo em silencio o insulto feito ao Sr. Braamecamp por já ter sido noticiado na *Revista*.

Um carreiro de Palaios, freguezia de Palha Cana, uma legua do Sobral, caiu adiante do carro, e quebrou o braço esquerdo.

Joaquim da Costa, da quinta da Carrasca, um quarto de legua do Sobral, ía amparar outro carro, que levava uma pipa de vinho, passou-lhe uma roda por cima do dedo grande do pé, e foi-lhe a unha fóra.

A outro carreiro do sitio da Arruda, no sitio da *Calçada* passou o carro por cima das vrilhas, e lhe rasgou as carnes do baixo ventre ficando os intestinos quasi á mostra.

Outro carreiro levava adiante dos bois um filho de 12 a 18 annos: estes, picados, derribam-n'o, atropelam-n'o, e o deixam logo sem vida. Foi no sitio de Lages.

Outro carreiro proximo dos sitios da Curjeira, uma

legua do Sobral, tambem lhe passou um carro carregado com uma pipa cheia de vinho por cima do peito, de que morreu no mesmo momento.

Juncto ao lugar da Sapataria, termo de Lisboa, uma legua do Sobral, um homem pediu a outro uma espingarda, e indo a pegar n'ella pela bocca, disparou-se, indo o chumbo, com que estava carregada, direito ao peito, o atravessou, e morreu.

A 17 de setembro, pelo meio dia, foi apresentado ao administrador do concelho, um pé, e parte da cabeça de uma creança recém-nascida, que foi encontrada em um serrado proximo do lugar das Paredes, suburbios da villa, mostrando os fragmentos ter sido o cadaver desenterrado e dilacerado pelos cães.

No dia 24 falleceu de uma maligna na idade de 24 annos o Sr. Adriano Sezinando Quintino de Avelar Brotero, bacharel formado em direito, e que ha dois annos havia concluido os seus estudos. Por sua docilidade e bellas qualidades moraes, estimado de todos, e futuro arrimo de seus paes, e quatro irmãs, todas mais novas do que elle, e donzellas.

Antonio Marques, almocreve estabelecido no lugar dos Folgados, freguezia de Sancto Quintino, muda a sua residencia para a Villa do Sobral, e para uma caza que com muito gosto comprára a 3 do corrente: tres dias depois, pega fogo no fato de seu filho, de 7 para 8 annos de idade, atêa-se com tanta rapidez, que apesar de promptamente lhe acudir o Sr. Joaquim Martins, visinho que n'essa occasião alli se achava, a infeliz creança morre dentro em poucas horas.

No dia 8 de setembro achava-se o Sr. Joaquim Maduro Junior de boa saude, assim como sua mulher, ambos de pouco mais de 20 annos de idade, jazia porém com sarampo um filhinho seu de poucos mezes; este apanha ar que lhe augmenta o mal; seu pae voltando algum tanto suado da feira dos Milagres, comeu uma melancia, de que lhe resultou uma indigestão. Sua mulher que o tractava e ao filho, adoece de escarlatina no sabbado 9, e de tal modo se aggravam as doenças, que o filho morre no domingo de madrugada; o pae com esta desgraça empiora, e morre no mesmo dia sem receber os sacramentos por falta de tempo; a mulher poucos dias depois expirou tambem. E sua unica irmã solteira, de menos de 20 annos, tambem se acha bastantemente enferma.

Mais algumas desgraças me ficam no tinteiro: — embora fiquem, não são já poucas as que deixo relatadas de tão pequeno districto, e em tão curto espaço de tempo.

Sou, etc.

Sobral 23 de setembro de 1843.

LAURÉL SCIENTIFICO.

2253 Sexta feira, 20 do corrente, celebrou-se na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa o acto de concurso do Doctor Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão; principiou ás 8 horas da manhã, e terminou ás 6 da tarde.

Na primeira hora leu o oppositor uma dissertação á cerca da *hematose*, na qual desinvolveu, de um modo que faz honra á Medicina portugueza, quanto ha de mais importante e de mais positivo n'esta difficil parte da physiologia humana. Os conhecimentos mais recentes da chymica organica de Liebig e de Raspail,

bem como os systemas mais importantes de physiologia de Burdach, e Marshall Hall foram plenamente desinvolvidos, e justamente avaliados pelo digno candidato.

As lições oraes de physiologia, materia medica, e pathologia interna foram igualmente bem desinvolvidas pelo oppositor: os vastos conhecimentos, que mostrou possuir, e a clareza, e eloquencia, com que os expôz, poderão talvez ser egualados, mas difficilmente excedidos.

A Eschola com a sua inalteravel justiça e imparcialidade, concedeu onze votos d'approvação ao candidato; ficando d'este modo proposto para o logar de Demonstrador da Eschola.

O concurso do Sr. Beirão foi uma nova prova da sua aptidão, e a decisão, uma nova corôa de louros, grangeada pelas fadigas, e estudos de um dos mais distinctos alumnos da Universidade de Coimbra.

Um Médico Portuguez.

ARRAIAES.

2254 O nosso correspondente de Cintra, o Sr. *Ju- lião Valeriano Simões*, em uma erudita e chistosa carta, de 2 do corrente, desaprova o uso dos arraiaes, que hoje, por fóra dos templos, estão sendo parte de muitas das festas religiosas, que lá dentro celebram em honra dos sanctos: — uso gentilico, imitado ou herdado dos romanos, que o herdaram dos gregos, que o herdaram dos lydos, a quem se attribue a sua primeira invenção: — e contra o qual, como dissonante da gravidade e compostura christã, escreveram muitos auctores abalisados, e entre elles o nosso fucundo Padre Manuel Bernardes, no titulo 1.º do tomo 2.º da sua *Nova Floresta*; — opinião essa para a qual, não obstante algumas razões em contrario, fortemente nos inclinamos.

No arraial de S. Miguel de Odrinhas, do concelho de Cintra, no dia 29 do passado pôr entre as folias populares de tangêres e descantes, rebentou certa pendencia, que deu de si ir ao outro dia para o cemiterio, um dos que n'esse haviam accudido ahí para andar folgando.

«Agora — termina o nosso correspondente — estão « todos á espéra de vêr como se resolve o problema seguinte: — Se os quatro (ou mais) individuos que com « o outro combateram, terão de ser prezos e condemnados uns a seis mezes de prisão, outros a dois, « ou tres mezes na cadêa do concelho; e o parente « mais proximo terá de metter a viola no sacco por meia « duzia de moedas, ou por troca de terras, como ha « bem pouco aconteceu, aos que deixaram nos pulve- « ruentos areas de S. Mamede d'este mesmo conce- « lho, tres homens (pela figura do carpo) que foram « conduzidos á habitação dos idos?? — Eu digo que « só o tempo póde resolver esta questão.»

INCENDIO SACRILEGO.

2255 No dia 24 do passado, em que na parochia de Sancta Maria de Pegeiros, se cantou *Te Deum*, pela confirmação do bispo pozeram fogo a acinte na igreja, seria meia noite. Abrazou-se toda: nem as Sagradas Particulas poderam ser arrancadas d'entre as chamas. Ainda se ignora o auctor do horrendo crime, e se porventura seria perpetrado para encobrir, como é de uso, roubo de alfaias.

ASSASSINIOS.

2256 Noticia o *Periodico dos Pobres no Porto* de 7 do corrente, que em Villa Real, na quinta de João d'Almeida Moraes Pessanha, dois dos seus feitores dispararam as armas contra dois barqueiros que logo cairam mortos. Não declara quaes os motivos d'este attentado, mas diz que foram insignificantes.

THEATRO DE S. CARLOS.

REPETIÇÃO DA NORMA.

2257 A *Norma* essa suave partitura do insigne musico-poeta — o pathetico *Bellini*, foi ainda mais uma vez gostada, e como sempre applaudida no nosso theatro italiano. A Sr.^a *Rossi* que executou a difficil parte da protagonista, adquiriu mais um triumpho merecido e grandioso, como não duvidamos que os alcançará em todos os papeis que executar. A cavatina produziu um verdadeiro entusiasmo pela deliciosa maneira, com que a sympathica voz da Sr.^a *Rossi* executou aquelle lindo trecho tão cheio de sentimento como de inspiração. Os ornamentos, com que a sublime artista enfeitou a cabaletta, foram uma ostentação de *bravura* e de bom gosto, dando-lhe occasião de desinvolver n'um canto elegante e ardido, seus bellissimos *agudos*, sem estropear phrasas nem cortar palavras, que todas se soltam limpidas, expressivas dos labios da intelligente artista.

O dueto das duas damas no 2.º acto, foi outra peça entusiasticamente applaudida, e cuja *stretta* foi repetida a pedido geral d'um publico numerosissimo, que havia concorrido a gozar da musica de *Bellini* e victoriar a Sr.^a *Rossi*.

Não nos permite hoje o pouco espaço de que só podemos dispôr, particularisar, como desejavamos, este memoravel serão. Certos estamos que a empresa e a companhia nos hão-de dar outras muitos occasiões de registrar seus triumphos, que d'outra vez poderemos porventura commemorar com mais extensão.

Silva Leal.

THEATRO NORMAL.

O HOMEM DE CINZENTO.

Comedia em 3 actos. — Versão do francez.

2258 Se a condicção principal para uma boa comedia é disfarçar, por entre flôres amenas, a correcção do vicio, e a natural severidade do ensino moral, esta condicção incontestavelmente a possui o HOMEM DE CINZENTO.

A idéa, que inspirou esta comedia, é, quanto a nós, de singular merecimento, e originalidade. É uma especie de homeopathia moral, curando o mal com o excesso do proprio mal; é uma grande verdade habilmente e proficuamente desinvolvida.

A comedia tem agradaveis scenas, e lances em extremo curiosos e naturaes.

O desempenho dos actores foi geralmente bom. O Sr. *Victorino* no principal papel, houve-se com a sua usual pericia. São caracteres semelhantes os que mais nos parecem convir áquelle actor.

A nova actriz, a Sr.^a *Carolina Emilia*, deu no seu ingenuo e graciosissimo papel mostras das mais felizes disposições. Parece-nos que o theatro normal fez uma excellente acquisição, e que as esperanças que nos dá aquella artista tão novata, produzirão mui proveitaveis fructos.

A comedia agradou, e foi no ultimo acto repetidamente applaudida. *M. L. Junior.*